



DOI:10.12957/transversos.2022.71829

COSTURANDO NARRATIVAS DO TEMPO PRESENTE: A TRAJETÓRIA DE AFRICANOS NO RIO DE JANEIRO

SEWING NARRATIVES OF PRESENT TIMES: THE TRAJECTORY OF AFRICANS IN RIO DE JANEIRO

Giselle Pereira Nicolau

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

giselle.histoire@gmail.com

Resumo:

Narrar é dar sentido ao mundo. As experiências individuais ou coletivas, quando narradas, revelam a maneira pela qual os sujeitos compreendem a si e aos outros, e a realidade à sua volta. É partindo dessa interpretação que se busca, neste recorte, através da análise de quatro relatos de africanos radicados no Rio de Janeiro, a partir do ano de 2007, compreender as razões que motivaram a partida de vários países da África para o Brasil, sendo essas migrações forçadas ou voluntárias. As histórias revelam as inúmeras questões vivenciadas por esses indivíduos, em um continente marcado por tensões políticas e guerras civis, marcas de um passado de dominação europeia, mas também pela diversidade de culturas e informações. A escolha pelo Brasil, conforme pode se apreender, nem sempre foi a primeira opção para esses indivíduos, mas, certamente, tem sido o local de esperanças momentâneas e/ou permanentes, de refrigério e de dilemas. Sobre este último aspecto, convém destacar que se pretende apontar para aquele que, amiúde, aparece nas falas de imigrantes e refugiados: o reconhecimento da cidadania.

Abstract

Narrating is giving senses to the world. Individual or collective experiences, when narrated, reveal the way in which subjects understand themselves and others, and the reality around them. Based on this interpretation, we seek, out of the analysis of reports by Africans living in Rio de Janeiro, to understand the reasons that motivated their departure from several african countries to Brazil, whether these migrations were forced or voluntary. The stories reveal the numerous issues experienced by these individuals, in a continent marked by political tensions and civil wars, marks of a past under European domination, but also by the diversity of cultures and information. The choice for Brazil, as can be seen, was not always the first option for these individuals, but it has certainly been the place of momentary and/or permanent hope, refreshment and dilemmas. About the latter aspect, it should be noted that the intention is to point to a subject that often appears in the speeches of immigrants and refugees: the recognition of their citizenship.

Palavras-Chave: Narrativas; Imigração; Refúgio; Africanos

Keywords: Narratives; Immigration; Refuge; Africans

1. Imigração, refúgio e trajetórias

O tema dos deslocamentos no tempo presente tem sido revestido de especial interesse por parte da comunidade acadêmica, que tem encontrado nesse assunto um terreno propício ao diálogo envolvendo distintos campos do saber. A noção de crise migratória sem precedentes, conforme vem sendo noticiada pelos meios de comunicação, somada a outras questões que tangenciam essa problemática, como o racismo, a xenofobia e o terrorismo, o reconhecimento à cidadania, o acolhimento aos imigrantes e os direitos humanos, têm evidenciado a importância de estudos que contribuam para o debate sobre imigração e refúgio.

Migrar implica uma escolha consciente que, por vezes, é motivada por fatores exógenos, como o desemprego e a pobreza, as crises econômicas e políticas, os conflitos armados, as situações de violação de direitos humanos, além dos desastres naturais. Por essa razão, alguns teóricos destacam a necessidade de distinguir migrações voluntárias e involuntárias, sobretudo pelos desafios enfrentados atualmente, que dizem respeito aos conflitos entre os refugiados e as políticas de Estado que ora facilitam, ora restringem a circulação de estrangeiros dentro de seus limites territoriais.

Em se tratando de uma pesquisa cuja temporalidade se inscreve na contemporaneidade, a metodologia a ser utilizada é a história oral, vista pelos teóricos da história do tempo presente como um dos pilares desse campo de pesquisa. Dessa maneira, as entrevistas concedidas pelos imigrantes possuem um valor heurístico para este trabalho, pois permitem observar o modo pelo qual esses sujeitos expõem as realidades inerentes ao processo migratório. Por meio dessas falas, é possível compreender as razões da partida, a escolha do local de destino e, conseqüentemente, o enraizamento e a vivência em uma nova cultura, as redes de sociabilidade, as estratégias de sobrevivência, bem como as idiosincrasias e subjetividades desses indivíduos.

Dessa forma, este artigo pretende dar visibilidade a esses deslocados ou imigrantes/refugiados, buscando compreender não apenas suas visões de mundo, mas também os locais “ocultados e silenciados [no bojo] do processo de desarticulação e desenraizamento de modos culturais de viver, de trabalhar e de sociabilizar” (Khoury, 2010, p. 7). Nesse caso, importa mergulhar nas realidades que motivaram a emigração, isto é, nos lugares de onde vieram esses indivíduos, suas culturas e tradições, conflitos e questões, a fim de compreender, em uma escala microanalítica, um processo de ordem macrosocial. Reforçando o entendimento acerca dessa proposição, Alessandro Portelli (2010, p. 150) destacou que se trata de “reconectar o ponto de

vista nativo, local, vindo de baixo, e o ponto de vista científico, global, visto de cima: de contextualizar aquilo que é local e de permitir que o global o reconheça.”

De acordo com Verena Alberti (2010, p. 175), há dois tipos de entrevistas: a temática, orientada a partir de um assunto específico, e a biográfica, pautada nas trajetórias individuais. Nessa direção, optou-se pelo primeiro, sem, porém, excluir a possibilidade de, em alguns casos, abordar aspectos da vida desses imigrantes. Foi elaborado um roteiro, com perguntas diretas e abrangentes, com vistas à produção dessas fontes. Assim, foram elencados, inicialmente, os seguintes pontos: 1) Como era a sua vida onde você nasceu? 2) Por que você decidiu emigrar? 3) Por que você escolheu o Brasil, em especial o Rio de Janeiro? 4) Antes de vir ao Brasil, você se instalou em algum outro país? 5) Se sim, o que dificultou a sua permanência nesse país? 6) Você encontrou alguma rede de apoio no Brasil ou conhecia alguém que já havia emigrado para o País? 7) Como é a sua vida no Brasil? 8) Considera melhor do que no país onde viveu? 9) Você poderia enumerar as dificuldades que enfrentou aqui? 10) Você tem intenção de voltar ao país de origem?

A título de experimentação, são apresentadas quatro entrevistas concedidas por indivíduos que vieram, entre os anos de 2007 e 2019, de Camarões, do Benin, da República Democrática do Congo e da África do Sul.¹ As narrativas possibilitaram tomar contato com as particularidades de cada um desses sujeitos, suas angústias e expectativas diante da vida. Ao seu modo, esses sujeitos apontaram para as realidades de seus respectivos países, o passado de dominação europeia, o legado de guerras civis e convulsões sociais, a fome e a pobreza, falas que se conectam e viabilizam a compreensão de alguns dos dilemas vividos por alguns países da África na contemporaneidade, como se observará mais adiante.

L., camaronesa, imigrou para o Togo, país onde formou família, ao se casar e ter seus três filhos.² As dificuldades de arcar com os custos de vida nesse país estão no cerne das decisões para emigrar para o Brasil, em 2013. No Rio de Janeiro, trabalhou em casa de família e, posteriormente, como auxiliar de serviços gerais em hospital infantil no bairro da Tijuca, por meio de um contrato com uma cooperativa. Contudo, foi com o apoio da Igreja católica e da Cáritas arquidiocesana³ que ela encontrou uma nova atividade, passando a participar de eventos gastronômicos, que ocorrem em diversos bairros da cidade. Sua atuação nessas feiras lhe

¹ Por uma questão ética, decidiu-se preservar a identidade dos entrevistados, optando por utilizar letras, ao invés de seus respectivos nomes.

² A entrevistada não soube precisar o ano de chegada no Togo.

³ A Cáritas é uma organização vinculada à Igreja Católica, que surgiu no Brasil em 1976, por meio de um trabalho de assistência a refugiados vindos de países, como: Argentina, Chile e Uruguai. O Brasil, que estava sob a direção da ditadura civil-militar, servia de rota para a Europa. Com a atuação de Dom Eugênio Sales, arcebispo do Rio de Janeiro, decidiu-se instalar um serviço permanente de auxílio aos refugiados, com o apoio do *Agência da ONU para Refugiados (ACNUR)*. Por fim, cumpre destacar que esse órgão foi a primeira iniciativa mais sistemática de atendimento aos refugiados no Brasil.

garantiram o sustento e a permanência no país, assim como possibilitaram ajudar seus familiares à distância. Embora não seja refugiada, e sim imigrante, de acordo com a legislação internacional, L. conseguiu trazer seus parentes, irmão, sobrinho e filhas, para o Brasil, formando um núcleo familiar em Brás de Pina.

De modo distinto, F., estudante do Benin, veio para o país, em 2019, por meio do Programa de Estudantes – Convênio de Graduação (PEC-G), que possibilita a formação superior para estudantes de países em desenvolvimento, com os quais o Brasil possui acordos diplomáticos. Trata-se de um projeto desenvolvido pelos Ministérios das Relações Exteriores e da Educação, que estabelecem parcerias com as universidades públicas, que selecionam estrangeiros, na faixa etária de 18 a 23 anos, e ensino médio completo, para realizarem seus estudos em instituições de ensino brasileiras gratuitamente. Os interessados pela proposta devem apresentar diploma de conclusão escolar e recursos para manterem suas despesas, além de proficiência em língua portuguesa. O compromisso prevê, ainda, o retorno dos contemplados ao país de origem, com vistas a contribuir para o desenvolvimento do campo em que se formaram. Por já possuir formação em microbiologia, F. optou por prestar exame para o mestrado em sua área, com o objetivo de aperfeiçoar seus estudos, para, posteriormente, contribuir com pesquisas científicas em seu país.

B. é refugiado da República Democrática do Congo. Antes de vir para o Brasil, participou de migrações internas e externas. Da capital de seu país, foi para a região oeste, buscando estabelecer-se nesse local. Por conta de conflitos, partiu para Uganda e, em seguida, para o Sudão do Sul.⁴ De acordo com o relatório “*Refúgio em Números*”, do CONARE, entre os anos de 1997 e 2018, foram reconhecidas no Brasil 11.231 pessoas refugiadas, oriundas, em sua maioria, da Síria (40%), da R. D. Congo (14%), da Colômbia (4%), da Palestina (4%), do Paquistão (4%) e de Mali (2%). Tendo chegado ao país em 2014, pode-se considerar que o congolês faz parte dessa estatística. No Rio de Janeiro, encontrou apoio da comunidade congolesa, que se encontra em Brás de Pina, e da Cáritas arquidiocesana. Atuou como barbeiro em salão de beleza masculino, no Rio Comprido, e hoje desenvolve suas habilidades profissionais em ateliê de cerâmica na zona sul, em área nobre da cidade.

⁴ É interessante atentar para o percurso realizado por B., refugiado da República Democrática do Congo, e cotejar com dados mais recentes do documento “Tendências globais”, do ACNUR, lançado em junho de 2022. Segundo esse relatório, dois terços dos refugiados pelo mundo saíram de cinco países: Síria, Venezuela, Afeganistão, Sudão do Sul e Mianmar. Ainda para esse documento, o destino dessas pessoas refugiadas são: Turquia, Colômbia, Uganda, Paquistão e Alemanha. Observa-se, portanto, que o congolês circulou em regiões que fazem parte de um itinerário que é reforçado pelas estatísticas oficiais da ONU. Ver: ACNUR, Tendências Globais, 2022. www.acnur.org

C. é uma *afrikaner*, termo que identifica grupos que descendem de holandeses, franceses, alemães e britânicos, que ocuparam a África do Sul, a partir do século XVII, e que, na atualidade, equivalem a cerca de 8% da população do país. Após ter se casado, decidiu emigrar para a Nova Zelândia, onde teve sua primeira filha. Em seu retorno ao país de origem, depois de deixar a família que havia constituído, envolveu-se em um esquema de tráfico internacional de drogas, transportando entorpecentes para países da África e Ásia. Sua vinda para o Brasil fazia parte desse itinerário, que incluía estadias em São Paulo e no Rio de Janeiro. Contudo, seus planos se modificaram, pois foi presa grávida no Rio de Janeiro. Após dar à luz na prisão e ter cumprido sua pena, que foi reduzida por bom comportamento, decidiu permanecer na cidade, onde formou família. Atualmente, mora com seus três filhos em Brás de Pina e trabalha de maneira autônoma.

Por meio dos perfis apresentados, buscou-se traçar, ainda que brevemente, as trajetórias dos indivíduos, cujas narrativas foram selecionadas para esta amostragem. Constituem-se de um recorte da pesquisa de pós-doutoramento intitulada “Tecendo trajetórias no tempo presente: os fluxos migratórios para o Rio de Janeiro”, que vem sendo realizada pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O projeto tem por objetivo dar relevância ao fenômeno das migrações contemporâneas para o Brasil, evidenciando os grupos de imigrantes e refugiados radicados nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói. Como definiu Jacques Le Goff (2013), as fontes orais constituem-se em “documentos - monumentos”, por indicarem os propósitos da produção documental, uma vez que é constituído para perenizar a lembrança. No caso desta pesquisa, organizar um corpus documental, a partir das entrevistas com os imigrantes, revela também a intenção de estimular futuros estudos sobre a temática, contribuindo, assim, para o avanço das investigações para esse campo.

As trajetórias permitem, por fim, observar algumas aproximações, como o fato desses indivíduos transitarem por Brás de Pina, bairro onde moraram L., imigrante camaronesa, e B., refugiado da República Democrática do Congo, e onde vive C., *afrikaner*. A presença desses indivíduos no bairro se deve à existência de redes de acolhimento, como o abrigo masculino da Cáritas arquidiocesana, na Igreja de Santo Antônio. Os scalabrinianos ficaram responsáveis pela paróquia até o ano de 2010⁵. Recebiam imigrantes em seu abrigo anexo, onde lhes ofereciam atendimentos. Após a saída da ordem, a Igreja ficou sob a direção da Arquidiocese do Rio, e o abrigo aos cuidados da Cáritas Arquidiocesana, até 2013. Além dessas redes, há as atividades ligadas à Igreja Católica na região, como a Agência Comunidade Emaús, que organiza a Feira da

⁵ Os Scalabrinianos iniciaram suas atividades em Brás de Pina em 1954, cf. sítio eletrônico [HTTPS://santacecilia.org.br/quem-somos/](https://santacecilia.org.br/quem-somos/) Acesso em 04/12/2022.

Providência, evento que celebra a diversidade de culturas e religiões, povos e nações. O bairro também oferece preços de aluguéis acessíveis aos imigrantes e refugiados, que acabam se estabelecendo no local.

Por fim, é possível, ainda, pensar a incorporação desses indivíduos à sociedade carioca. Como os quatro entrevistados têm origens diferentes e seus respectivos *status* são distintos, tendo em vista que há três imigrantes e um refugiado, as possibilidades de inserção que conseguiram na cidade do Rio de Janeiro, rede de apoio a imigrantes, rede étnica (anterior à migração) ou a Cáritas arquidiocesana, que só trabalha com refugiados, são diferenciadas e potencializam a sobrevivência, conforme se observará nos relatos adiante.

2. O que eles têm a dizer

O caminho proposto para adentrar as histórias dos africanos no Rio de Janeiro se iniciou por meio de uma anamnese, em que se buscava saber como era a vida desses indivíduos no local onde nasceram. Longe de se esgotar no primeiro ponto, a justificativa para esse questionamento atravessou as demais perguntas da entrevista, tendo em vista que nem todos conseguiram responder a esse assunto plenamente, por conta da emoção, e, até mesmo, pela omissão de fatos relevantes, que foram explicitados no decorrer da entrevista.

Ao ser inquirida sobre esse tema, L., representante de Camarões, destacou que “a vida não é muito fácil, a vida é difícil de viver” em seu país de origem, o que para ela serve como uma importante motivação para estar “procurando outra vida, um outro lugar.”

Segundo F., estudante de Pós-graduação, que veio do Benim, há muitas semelhanças entre a vida no seu país e no Brasil, o que o levou a considerar que se trata de uma “continuidade”, com apenas uma diferença: “a cultura”.

Já para B., a sua vivência na República Democrática do Congo foi marcada pelo desenvolvimento de dons que havia adquirido desde que nasceu, como o talento para as artes e para a barbearia. Com o apoio de seu tio, ingressou na Academia de Belas Artes para receber formação. Relatou que, em seu país, “a vida era difícil para estudar”. Compreendeu-se que o artista congolês foi seletivo, ao destacar como obstáculo o trânsito de um lugar ao outro, que, por vezes, o impediam de desenvolver suas competências manuais. Ainda assim, ponderou que “foi

uma experiência muito boa, que também aprendi muitas coisa lá, que tinha vontade de aprender, mas foi muito bom, foi muito bom.”⁶

Ao relatar as suas experiências na África do Sul, C. destacou que a sua vida era “muito boa” quando seus pais eram vivos. Com o falecimento deles, “as coisa complicou um pouco”, pois ela e seus irmãos foram viver em um abrigo, pois não tinham com quem ficar. Decidiu que “nunca mais deixaria” seus familiares nesse tipo de moradia, e, por isso, se casou muito cedo para tirar seu “irmão e irmã do abrigo.” Tomada de forte emoção, a entrevistada completou que viver em seu país de origem “era muito complicado, porque nunca consegui trabalho e... *eu comecei com coisas até errado*, eu já fui para muitos países, muitos países também (...) fazendo coisa errado.” Disse que se arrepende e que “veio também para o Brasil também e infelizmente eu fiz alguma coisa errado aqui também,” e que hoje está tentando mudar a sua vida.

Em relação às causas para a emigração, foi possível observar que cada entrevistado apresentou a sua motivação, de modo que as narrativas foram diversificadas nesse item. A camaronesa que, antes de vir para o Brasil vivia no Togo, destacou as dificuldades de viver no país, sobretudo após o adoecimento de seu marido, que foi acometido por um AVC (Acidente Vascular Cerebral). As obrigações domésticas e as despesas da casa, a educação dos três filhos e os gastos com saúde e medicamentos para o seu cônjuge constituíram-se em razões para emigrar.

A semelhança com o clima do Benin e a existência de espécies de insetos que se reproduzem em ambientes tropicais, assim como o reconhecimento de um programa de Pós-graduação no Rio de Janeiro, são fatores que estimularam a vinda de F. para o Brasil.

Quanto a B., da República Democrática do Congo, emigrar não estava nos seus planos de vida, como se observa no seguinte trecho: “imigrar na meu pensamento, eu não tinha. é... eu fui forçado, é... a se emigrar, é... a guerra que me fez forçar a se emigrar, mas no meu pensamento não tinha isso, a gente foi obrigado de sair, de fugir do país pra vir morar aqui no Brasil (...)”. Ainda de acordo com o artista, “as conflitos das guerras que não tá acabando”, fizeram com que ele deixasse seu “país para morar aqui”. Como se observa, é um caso de migração forçada, o que confere a este indivíduo o *status* de refugiado.

C., após ter destacado a beleza de seu país, afirmou que a África do Sul “tem muito rachismo”, argumentando que “as outras cores estão culpando os brancos por coisas do apartheid.” Segundo a depoente, “eles estão queimando nossas fazendas, eles matam nós, corta

⁶ Em relação às transcrições, optou-se por manter os desvios gramaticais, como marcas da oralidade dos entrevistados.

nossa peles, eles estrupa as bebezinhas e joga na banheiro com água quente e tem tudo isso na internet e o mundo inteiro não sabe sobre isso.” Nota-se que a *afrikaner* apresenta uma visão compartilhada por certos setores da sociedade sul-africana, que defendem ainda o sistema de segregação racial, que vigorou nesse país entre os anos de 1948 e 1990.

Ao cotejar as narrativas dos imigrantes africanos, verificou-se que, antes mesmo de chegarem ao Brasil, em especial ao Rio de Janeiro, os quatro entrevistados haviam tido experiências migratórias, transitando dentro e fora do continente africano, por razões tais, como a busca por melhores condições de vida e oportunidades de estudo, além da fuga de perseguições e de guerras civis. Um caso bastante revelador é o de B., artista congolês, que, após concluir seus estudos na Academia de Belas Artes, foi para o leste do Congo, onde foi surpreendido pela guerra. Ao tentar se estabelecer no local, novamente foi impedido por conta de uma nova conflagração, o que fez com que ele fugisse para Uganda e depois para o Sudão, antes de vir “para cá”.

Em que pese à escolha pelo Brasil, em especial o Rio de Janeiro, verificou-se que, dos quatro entrevistados, apenas o estudante do Benin expressou concretamente o desejo de emigrar para o país, por meio de uma escolha planejada e consciente.

Nas outras narrativas, por exemplo, foi possível compreender que a chegada ao território brasileiro aparece como a única opção que se apresentou para L., imigrante de Camarões, e para B., refugiado da República Democrática do Congo. “Fugi para o Sudão, e vim para cá, eu não tinha escolhido, as pessoas que queriam nos ajudar a vir para cá, era um barco que estar a vir para cá”, asseverou o congolês, que solicitou refúgio em 2014.

Quando questionada sobre este assunto, L., a camaronesa, disse que “é uma sorte que a gente tem”, uma orientação divina, que a favoreceu, por meio de uma indicação em 2013, para trabalhar em casa de família no Brasil, por seis meses. Tendo passado essa temporada, buscou ajuda em colégio de freiras, no bairro do Recreio dos Bandeirantes, que a encaminhou para a Cáritas Arquidiocesana.

Ainda em termos de emigração, C., a *afrikaner*, apresentou um relato bastante peculiar, e que reforça a noção que não havia um planejamento estabelecido, visto que, após ter saído da África do Sul para a Nova Zelândia, decidiu retornar para o seu país, onde se envolveu com atividades ilícitas, por intermédio de uma rede de comércio de entorpecentes criada por “nigerianos”. Após ter transitado por inúmeros países, como Gana, Índia, China e Tailândia, dentre outros, a estrangeira passou por uma curta temporada em São Paulo, em 2007, e, ao chegar

ao Rio de Janeiro, foi pega pela política federal nas imediações do aeroporto Galeão. Recebeu sentença de “sete anos e seis meses” de prisão, cumprindo apenas “dois anos, cinco meses e vinte um dias” de sua pena.

De acordo com as quatro narrativas, a permanência no Brasil se tornou viável devido a uma rede de auxílios que os favoreceu. F., o estudante do Benin, por exemplo, veio por meio de um acordo entre o governo brasileiro e alguns países da África. Tinha ciência do que era o país, por meio de seu irmão que vive em Minas Gerais. Ainda assim, veio primeiramente para a Bahia, onde recebeu formação em português instrumental, com demais jovens africanos. Em seguida prestou exame de proficiência no idioma, e, ao ser aprovado, apresentou projeto de mestrado para a Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ), sendo classificado com bolsa de fomento à pesquisa.

Em outras duas narrativas, por exemplo, foi notória a participação de instituições e entidades que facilitaram a presença desses indivíduos. L., a camaronesa, encontrou apoio da Igreja católica, através da Cáritas, que a direcionou para a Paróquia de Santo Antônio do Quitungo, localizada em Brás de Pina, que era dirigida pelos Scalabrinianos⁷ e que, posteriormente, se tornou abrigo da Cáritas. Tendo recebido apoio dessa igreja, conseguiu alugar moradia no mesmo bairro, podendo participar das atividades religiosas propostas pelo pároco. B., o representante da República Democrática do Congo, ao chegar no Rio de Janeiro, recorreu à uma comunidade de congoleses em Brás de Pina, que, na sua opinião, é um “pouco muito forte também, que ajuda também as pessoas do Congo para orientação”. Esse local, segundo ele, foi apresentado por um compatriota, que o ajudou a se inserir no mercado de trabalho como barbeiro. Além desses apoios, a Cáritas, através dos seus serviços de assistência social, acompanha esse refugiado até o momento, com a doação de cestas básicas, conforme narrou.

Inicialmente, o estabelecimento de C, a *afrikaner*, na cidade, estava condicionado ao cumprimento de sua sentença, porém, tendo dado à luz em cárcere e, após sua filha ter ficado sob a tutela de uma família acolhedora, optou, na ocasião de sua libertação, por ficar em solo brasileiro. Além disso, ela avaliou que no seu país de origem “é muito complicado, porque lá na escola você tem que pagar muito para criança possa estudar”, enquanto aqui o ensino é gratuito.

⁷ A Congregação dos Missionários de São Carlos, também conhecidos como Scalabrinianos, foi fundada na Itália, pelo Beato João Batista Scalabrini, em 1887. *Ordem religiosa que tem como missão atender aos “migrantes das mais variadas proveniências”*. Dessa maneira, os religiosos atendem aos migrantes em vinte quatro países da Ásia, África, América, Oceania e Europa, oferecendo serviços de acolhimento, promovendo missões, pregações e animações em paróquias, compostas por migrantes de procedências diversas. Ver: www.scalabriniani.org

“Na África do Sul, seus filhos vai para escola eles não têm comida na escola, aqui no Brasil seus filhos tem comida na escola, eles tem lanche, eles tem almoço, eles tem café da manhã”, avaliou a sul-africana. Outra justificativa que contribuiu para a sua permanência é a saúde pública, argumentando que, “pelo médico na África do Sul se você é branco, eles deixa você pra morrer, e aqui no Brasil se você é branco não importa a cor, eles ajuda você.” Além do atendimento, a seu ver considerado adequado e eficaz, a doação de medicamentos nos hospitais brasileiros foi algo que lhe chamou bastante atenção. Concluiu, portanto, que é “por causa disso, que eu escolheu aqui para ficar no Brasil, porque as minhas filhas têm uma futuro aqui e na África do Sul eles não têm esse futuro.”

No que concerne à vida no Brasil, três dos entrevistados avaliaram como melhor, em comparação aos seus países de origem. As narrativas se baseiam em uma política de apoio que não existe para os brasileiros em situação de pobreza, ou que recebe críticas por parte desse segmento social. Essas questões receberão maior aprofundamento, visto que o objetivo deste ensaio está na fase de apresentar as ponderações dos imigrantes. “Qualquer coisa no Brasil é melhor que lá, Brasil é melhor que a África, é melhor que Camarões, é melhor que Togo”, opinou L., a camaronesa. A facilidade com alimentação, por conta da existência de iniciativas como o restaurante popular, levou à conclusão de que aqui “gente não dorme com fome”. Argumenta, ainda, que “na África é difícil, se você sofre, você vai sofrer, vai sofrer muito. Se você tem filho, pagar casa, pagar luz, pagar escola (...) tudo são muito caro.” Para B., o congolês, é evidente que viver em solo brasileiro é mais vantajoso, que a “situação de lá. Aqui também tem as conflito, mas não as conflitos da guerra, eu considero muito o Brasil.” Ele destaca que há “dificuldade também, mas o Congo é demais”. Na sua visão, “as pessoa que tá dirigindo o país é... não tá querendo é... evoluir, o país, é... tá querendo só se... em francês se diz s`enrichir.”

Já C., a *afrikaner*, destacou que viver no Brasil “está complicado também.” A falta de oportunidades no mercado de trabalho, sobretudo pelo fato de possuir antecedentes criminais, e a pouca qualificação profissional, levam-na à conclusão de que as chances são “quase zero” de conquistar um emprego fixo. Na atualidade, ela ganha a vida fazendo faxinas no bairro de Botafogo, vendendo “docinhos da África do Sul” e em trabalho online, que consiste em “trazer um cliente pra vendedor”, algo que não lhe é rentável, pois até então “não consegui nada com isso”. Embora sinta saudades de seus familiares e amigos, de sua língua e das belezas da África do Sul, e mesmo com toda a criminalidade que existe no Brasil, ela considera que “aqui é muito

melhor do que lá”, visto que “aqui eles não entra na tua casa só pra te matar não, aqui é um país que eles aceita você, às vezes são racistas também, mas a maioria deles aceita”.

Diferentemente dos outros depoimentos, F., o estudante do Benin, reforçou que a vida no Brasil “não é tão diferente do que eu vivia lá”, na África. Tendo se formado em biomedicina em seu país, ele obteve chances de trabalhar em sua área e acumular capital para montar uma sociedade com um amigo, um laboratório. Nas suas palavras, “já tinha uma vida bem estruturada, mas a minha vontade de buscar mais é maior do que eu ganhava”. Por essa razão, decidiu vender sua parte no negócio para estudar no Rio de Janeiro.

Verifica-se, portanto, que as narrativas explicitadas recorrem ao artifício da comparação, buscando traçar um paralelo entre a vida em seus países de origem e no Brasil, seja justificando o desejo de permanecer aqui, não obstante os dilemas cotidianos; seja ressaltando as similitudes entre um país e outro. Conforme exposto mais acima, à medida que as entrevistas vão avançando, os depoentes apresentam mais informações sobre a vida em seus países de origem e as causas para emigrar.

Quanto às dificuldades enfrentadas no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, constatou-se que o tema da pandemia do novo coronavírus apareceu em duas narrativas, nas das senhoras de Camarões e da África do Sul. Ambas, de uma forma ou de outra, vivem da venda de comidas típicas de seus países, participando de amostras gastronômicas, como é o caso da primeira, ou elaborando doces sob encomenda, como faz a segunda. Antes da pandemia, L., a camaronesa, se sustentava participando da Feira Chega Junto, encontro gastronômico que reúne refugiados radicados na cidade. Sua atuação nesse evento lhe possibilitou a obtenção de recursos para a sua subsistência no país, para financiar os estudos de seu filho no Canadá e a vinda de suas duas filhas para o Brasil. O evento, que acontecia com certa regularidade, teve de ser interrompido por conta das normas sanitárias. Tal medida abalou o orçamento familiar de L., que teve que buscar oportunidades no município de Cabo Frio. Na mesma direção, C., a *afrikaner*, revelou que seu maior desafio na atualidade é pagar suas dívidas contraídas durante o período do isolamento social, imposto pela pandemia de covid-19. Ela, que havia criado seu próprio negócio de “quentinhas”, sem ter a quem recorrer, pois acabara de ficar viúva, teve de pedir empréstimos ao banco.

Um contraponto entre a camaronesa e a *afrikaner* é questão da permanência. A representante de Camarões, por exemplo, tem almejado a cidadania brasileira. Em alguns

momentos da entrevista, se valeu do título de refugiada, quando, na verdade, sua condição no Brasil é de imigrante. Ao pleitear o seu reconhecimento como refugiada no Brasil, a polícia federal indicou uma lista de países da África com maior incidência de conflitos, locais de fuga de inúmeros solicitantes de refúgio no mundo, como Uganda, Sudão do Sul e República Democrática do Congo, por exemplo. De modo distinto, a sul-africana, por ter se casado e tido três filhos no Brasil, tem o seu visto permanente, o que lhe confere segurança perante a legislação nacional.

Para F., o estudante do Benin, a maior dificuldade é a financeira, pois vive com uma bolsa de mestrado e dá aulas online de francês, para complementar sua renda. Vive de aluguel em São Cristóvão, bairro que dá acesso à Fiocruz, e costuma fazer suas próprias roupas para diminuir seus gastos com estudos, moradia e alimentação.

B., o congolês, revelou que a sua maior dificuldade tem sido o reconhecimento de sua cidadania no Brasil, haja vista que está no país há sete anos como refugiado. Sua esperança é alimentada pelo exemplo de sua esposa, que já tem situação regularizada no país. Além desse obstáculo, ele apontou para uma realidade muito comum entre os brasileiros, que é o racismo estrutural, que o coloca em situações de humilhação em diversos locais da cidade, “no mercado, no trabalho”, o que o leva à seguinte indagação: “eu não sei o que eu fiz para ser tratado assim.” Ele alega que, aqui, o “preconceito é permanente”, algo que não tem no Congo, “mas tem no Brasil.” Em termos de imigração e refúgio, o conceito de hierarquização das raças⁸, definido por Seyferth (1996), tem muito a dizer para essa cultura da violência arraigada no Brasil.

Em suma, as quatro entrevistas apresentam interpretações diversificadas a respeito do que é viver em determinados países do continente africano e o que significa ser imigrante ou refugiado no Brasil. Permitem o mergulho nas diferentes visões de mundo e processos históricos; opiniões, dilemas e esperanças. Uma vez analisadas, constituem-se em narrativas costuradas pelo fio da história e da memória.

⁸ Para Giralda Seyferth, a cor da pele e as suas variações serviram para destacar as divisões entre grupos humanos, desde o século XVI. Nos oitocentos, esse debate ganha fôlego, a partir das discussões em relação à questão racial, sendo aprofundado durante o XX. Em favor de suposto rigor científico, buscou-se classificar e hierarquizar as raças, favorecendo os brancos em detrimento dos negros, que estão na base. Evidentemente, por trás dessas explicações assinalava-se a ideia de superioridade branca, ainda que não houvesse um discurso claramente racista. Esse conceito merece historicização, visto que houve modificações e apropriações distintas ao longo da história nacional, não obstante as permanências. Na atualidade, observa-se a valorização da entrada de refugiados ucranianos em países europeus, em relação aos outros grupos migratórios, por exemplo. Ver: Giralda Seyferth. Colonização, imigração e questão racial no Brasil. REVISTA USP, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002.

Referências

- ACNUR, Refúgio em números, 4a edição, 2019. <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros-versa%CC%83o-23-de-julho-002.pdf>. Acesso: 24/06/2021
- ACNUR, Tendências globais, 2022. www.acnur.org. Acesso: 09/11/2022.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In PINSKY, Carla (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 155-202.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão [et al.] 7.ed. revista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- PORTELLI, Alessandro. *História Oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- KHOURY, Yara A. Apresentação. In: PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 7-18.
- REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: e experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SEYFERTH, G. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. *Raça, ciência e sociedade* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCB, 1996, pp. 41-58.
- _____. Colonização, imigração e questão racial no Brasil. *REVISTA USP*, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002.

Sobre a autora:

Giselle Pereira Nicolau: Possui doutorado em História Contemporânea pela Universidade Federal Fluminense (2018), com bolsa sanduíche na École de Hautes Études en Sciences Sociales (2017). Atua nas áreas de Brasil Império e República, Migrações, História Política, Biografia e Historiografia. Além disso, a pesquisadora/professora possui mestrado (2012) e graduação (2009) em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde desenvolveu pesquisas que contemplavam temas sobre: Cultura Política, os Usos do Biográfico na Escrita da História, Teatro, Imigração Urbana para o Rio de Janeiro, em especial a francesa, e Ensino de História.

Artigo recebido para publicação em: 05 de dezembro de 2022.

Artigo aprovado para publicação em: 14 de dezembro de 2022.

Como citar:

NICOLAU, Giselle Pereira. Costurando Narrativas do Tempo Presente: A Trajetória de Africanos no Rio De Janeiro. *Revista Transversos*. Dossiê: Imigração no Tempo Presente: Experiências de vida e Direitos Humanos no Brasil. Rio de Janeiro, nº. 26, 2022. pp 129-142. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/71829>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2022.71829

